

Psicopatia e o Comportamento Criminal

Catarina Neves^{1,2}, Joana Menino^{1,2}, Maria Duarte^{1,2}, Raquel Costa^{1,2}, Telma Alves^{1,2}, & Cristina Soeiro^{1,3}

¹ Egas Moniz School of Health & Science, Portugal

² Estudante Mestrado de Psicologia Forense e Criminal

³ Docente Egas Moniz School of Health & Science

Objetivo

Compreender o conceito de psicopatia e a relação desta com o comportamento criminal

Conceito de Psicopatia

O conceito de psicopatia apresenta um longo período histórico, sendo que foi sofrendo alterações ao longo do tempo (Soeiro & Gonçalves, 2010). Psicopatia é uma perturbação que tem início na infância e perdura pela vida adulta, relacionada a uma **baixa consideração pelos direitos e sentimentos das outras pessoas**. É, ainda, definido como uma perturbação da personalidade com algumas **limitações ao nível afetivo, comportamental** (Baker et al., 2022; Costa, 2022; Nunes, 2009; Próspero-Luís et al., 2017) e **interpessoal** (Costa, 2022; Nunes, 2009; Próspero-Luís et al., 2017). No que se refere ao **nível afetivo**, estes indivíduos não apresentam sentimentos de culpa, empatia (Costa, 2022; Savopoulos & Lindell, 2018) e sensibilidade (Costa, 2022). Já no **domínio interpessoal**, são marcados por características como a grandiosidade, manipulação e charme superficial (Costa, 2022). No que diz respeito, ao **nível comportamental**, estes sujeitos apresentam comportamentos antissociais bastante diversos (Costa, 2022), nomeadamente um início prematuro de comportamentos problemáticos e diversos comportamentos criminosos (Denomme et al., 2020). É possível ainda constatar que a psicopatia apresenta, uma base neurocognitiva, na medida em que sujeitos com esta perturbação têm uma **limitação na capacidade da resposta emocional**, a sua tomada de decisão é baseada em **ganhos** e a sua atenção é bastante direcionada para determinados estímulos (Costa, 2022).

Fatores de risco para a Psicopatia

Estes comportamentos, são marcados pela sua persistência na idade adulta, iniciando-se na infância ou adolescência (Costa, 2022). Segundo Raine (2015), ser **vítima de experiências adversas na infância** (e.g., negligência, maus-tratos, ambiente familiar destruído) podem influenciar o desenvolvimento da psicopatia. Adicionalmente, a **fraca comunicação e vinculação entre pais e filhos**, bem como a punição física e o envolvimento com **pares delinquentes**, resultam no desenvolvimento de traços psicopáticos (Lee & Kim, 2021).

Prevalência

No que se refere à prevalência desta perturbação, estima-se que esta se manifeste em cerca de **1% na população geral** e cerca de **25% em meio prisional** (Baker et al., 2022; Costa, 2022; Flórez et al., 2019) e, apesar da psicopatia mostra-se mais prevalente junto dos homens (Costa, 2022), a diferença da manifestação da perturbação nos dois sexos é a demonstração dos comportamentos característicos desta personalidade. Para além disso, a psicopatia é mais prevalente nos homens comparativamente às mulheres (Baker et al., 2022).

Psicopatia e o Comportamento Criminal

O percurso criminal dos psicopatas tem início numa idade precoce e persiste ao longo da vida, com uma diversidade de comportamentos criminais (Scott, 2014). A Psicopatia é considerada um dos maiores preditores do comportamento criminal (Shagufta, 2020). Porém, é importante realçar que o facto de os indivíduos apresentarem características psicopáticas não significa necessariamente que sejam criminosos (Nunes, 2009; Savopoulos & Lindell, 2018).

Segundo a literatura, a psicopatia e o baixo autocontrolo são duas características que estão consistentemente associadas ao comportamento criminal (Boccio & Beaver, 2018; DeLisi, 2009; Pratt & Cullen, 2000) e a sua reincidência (DeLisi, 2016; Lee & Kim, 2022; Patrick, 2018). Existem características associadas à psicopatia que, somado com a inteligência, podem ajudar o individuo a alcançar o sucesso no mundo do crime (e.g., manipulação, charme, ilusão), (Boccio & Beaver, 2018). Para além disso, o facto de serem ágeis a identificarem vítimas vulneráveis, faz com que os mesmos possam ser criminosos bem-sucedidos (Book et al., 2013). Ainda assim, a probabilidade dos mesmos se envolverem em crimes, pode influenciar segundo as circunstâncias em que os indivíduos se encontram, no ambiente em que residem e os fatores de risco que possuem (Lee & Kim, 2022).

Fatores de risco para o comportamento criminal

Apesar de inúmeras contribuições de estudos anteriores, para o conhecimento do crime e da psicopatia, existe ainda muitos fatores por explorar (Lee & Kim, 2021). Contudo, alguns fatores que influenciam a reincidência dos indivíduos com traços psicopáticos, para o comportamento criminal podem ser a **influência dos pares, adesão a gangues, consumo de álcool, vitimização experimentada e observada e a percepção de justiça** (Lee & Kim, 2021).

Tipologia de crime

Pesquisas anteriores sobre a relação entre psicopatia e envolvimento criminal apontam que os psicopatas são **responsáveis por uma quantidade desproporcional de crimes graves e violentos** (Vaughn & DeLisi, 2008). Isto possivelmente pode ser devido ao facto dos psicopatas serem considerados como irresponsáveis, impulsivos, temperamentais e sem empatia e culpa (Hare, 1996). É possível verificar que esta perturbação está associada a casos de **agressão instrumental** (Flórez et al., 2019), ou seja, agredir outra pessoa, com o intuito de alcançar um objetivo (Scott, 2014), e.g. dinheiro, droga e sensação de poder por lesar outra pessoa (Cunha, 2022), desta forma, a violência perpetrada por um psicopata é tendencialmente premeditada (Scott, 2014).

Intervenção

Por um lado, os traços psicopáticos são substancialmente estáveis e por isso não é possível eliminar completamente esses traços. Por outro lado, através de programas de intervenção poderá ser possível reduzir o impacto que os traços psicopatológicos têm, ou seja, **intervir nos fatores de risco** que o indivíduo é exposto e diminuir as suas tendências criminosas trabalhando numa vida mais pró-social utilizando estratégias de prevenção (Lee & Kim, 2022).

Referências

- Baker, S., Javahishvili, M., & Widom, C. S. (2022). Childhood family and neighbourhood socio-economic status, psychopathy, and adult criminal behaviour. *Legal and Criminological Psychology*, 28(1), 106-121. <https://doi.org/10.1111/lcp.12228>
- Boccio, C. M., & Beaver, K. M. (2018). The influence of psychopathic personality traits, low self-control, and nonshared environmental factors on criminal involvement. *Youth violence and juvenile justice*, 16(1), 37-52. <https://doi.org/10.1177/1541204016684126>
- Book, A., Costello, K., & Camilleri, J. A. (2013). Psychopathy and victim selection: The use of guilt as a cue to vulnerability. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(11), 2368-2383. <https://doi.org/10.1177/0886260512475315>
- Costa, B. A. S. (2022). *Adversidade, psicopatia e comportamentos criminais: Um estudo empírico com adultos portugueses* [Tese de Mestrado]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Cunha, C. J. (2022). *Psicopatia e saúde mental: Estado comparativo entre reclusos que cometeram crimes violentos e não violentos* [Tese de Mestrado]. Universidade Lusófona
- DeLisi, M. (2009). Psychopathy is the unified theory of crime. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 256-273. <https://doi.org/10.1177/1541204009333834>
- DeLisi, M. (2016). *Psychopathy as unified theory of crime*. New York, NY: Palgrave Macmillan US.
- Denomme, W. J., Carro, J., & Firth, A. (2020). Psychopathic traits, risk and protective factors, and attractiveness in forensic psychiatric patients: Their role in review board dispositions. *Journal of Forensic Psychology Research and Practice*, 29(3), 264-289. <https://doi.org/10.1080/24733850.2020.1717904>
- Flórez, G., Ferrer, V., García, L. S., Crespo, M. R., Pérez, M., & Saiz, P. A. (2019). Personality disorders, addictions and psychopathy as predictors of criminal behaviour in a prison sample. *Revista española de sanidad penitenciaria*, 21(2), 62-79.
- Hare, R. D. (1999). Psychopathy: A clinical construct whose time has come. *Criminal Justice and Behavior*, 23(1), 25-54. <https://doi.org/10.1177/0093854899023001004>
- Lee, Y., & Kim, J. (2021). Psychopathic traits among serious juvenile offenders: Developmental pathways, multidimensionality, and stability. *Crime and Delinquency*, 1-29. <https://doi.org/10.1177/0011128720926120>

- Lee, Y., & Kim, J. (2022). Psychopathic traits and different types of criminal behavior: An assessment of direct effects and mediating processes. *Journal of Criminal Justice*, 50, 101772. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2020.101772>
- Nunes, L. M. (2009). Crime: Psicopatia, sociopatia e personalidade anti-social. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 152-161.
- Patrick, C. J. (2018). *Handbook of psychopathy* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Pratt, T. C., & Cullen, F. T. (2000). O status empírico da teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi: Uma meta-análise. *Criminologia*, 38(3), 931-964. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2000.tb00911.x>
- Próspero-Luís, J., Moreira, P. S., Paiva, T. O., Teixeira, C. P., Costa, P., & Almeida, P. R. (2017). Psychopathy, criminal intentions, and abnormal appraisal of the expected outcomes of theft. *Legal and Criminological Psychology*, 22(2), 314-331. <https://doi.org/10.1111/lcp.12103>
- Raine, A. (2015). *A anatomia da Violência: As raízes biológicas da criminalidade*. Porto Alegre.
- Savopoulos, P., & Lindell, A. K. (2018). Born criminal? Differences in structural, functional and behavioural lateralization between criminals and noncriminals. *Laterality: Asymmetries of Body, Brain and Cognition*, 23(6), 738-760. <https://doi.org/10.1080/1357650X.2018.1452631>
- Scott, R. (2014). Psychopathy: An evolving and controversial construct. *Psychiatry, Psychology and Law*, 21(5), 687-715. <https://doi.org/10.1080/13218719.2014.911056>
- Shagufta, S. (2020). Criminal friends' influence on criminal behavior of adult offenders moderated by psychopathic traits. *FWU Journal of Social Sciences*, 14(2), 108-116.
- Soeiro, C., & Gonçalves, R. A. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 28(1), 227-240. <https://doi.org/10.14417/ap-271>
- Vaughn, M. G., & DeLisi, M. (2008). Were Wolfgang's chronic offenders psychopaths? On the convergent validity between psychopathy and career criminality. *Journal of Criminal Justice*, 36(1), 33-42. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2007.12.008>